

EDUCAÇÃO

Escola do Futuro muda conceito de ensino

*Programa da USP
íntegra, por computador,
estudantes brasileiros
e do Exterior*

ROSA BASTOS

Há um ano o estudante Nicolas Soutki Saad, de 16 anos, do segundo colegial do Bandeirantes, participa do projeto de energia da Escola do Futuro e está entusiasmado. "É interessante ver que as coisas não surgem do nada", diz. Com espelhos côncavos direcionados para o Sol e tubos de ensaio, Nicolas tem estudado as variações de temperatura e, por meio do computador, troca informações sobre energia solar com colegas de outras escolas. "Boa parte dessas coisas eu já sabia na teoria mas a prática é bem diferente." Nicolas é um dos alunos de 22 escolas de 1º e 2º graus, públicas e particulares de São Paulo, para quem o futuro já chegou.

Em 1988 pesquisadores da Universidade de São Paulo debruçaram-se na tarefa de criar a Escola do Futuro. "Nossa meta é fazer com que ela seja o lugar mais interessante do mundo: um lugar para onde se quer correr todo dia e de onde não se quer voltar", explica

Frederic Michael Litto, coordenador do projeto. O embrião desse laboratório, onde estão sendo testados novos modos de aplicação da tecnologia à educação, foi produzido na Escola de Comunicações e Artes e, em janeiro deste ano, elevado à condição de núcleo de pesquisa da universidade como um todo, passou a se subordinar à Pró-Reitoria de Pesquisa.

A Escola do Futuro — sonho do americano Litto e do pernambucano Marcos Formiga, superintendente do Conselho Nacional de Pesquisa, que paga boa parte dos custos — é uma realidade. Mais de 40 pesquisadores, professores e alunos dos mais variados setores da universidade, como a Escola Politécnica, o Instituto de Matemática e Estatística, Instituto de Psicologia, Faculdade de Educação e ECA usam as mais avançadas tecnologias para criar e experimentar novos produtos didáticos.

Eles trabalham em quatro frentes de investigação: produção de multimídia e videodiscos interativos, ensino à distância via redes de teleinfor-

mática, ligando salas de aula do País com outras do Exterior, robótica pedagógica e produção de slides, transparências e hologramas. Às quartas-feiras são feitas demonstrações públicas e gratuitas onde se fala das pesquisas em andamento e se demonstram os novos artefatos didáticos em funcionamento.

O laboratório já produziu os três primeiros videodiscos interativos feitos no País usando plataforma Macintosh e fez uma pesquisa usando videofones. Mas o maior destaque é a Rede Guri: a ligação, por meio de computadores e redes de telecomunicações, de salas de aula de escolas de 1º e 2º graus no Brasil com alunos em escolas no Exterior para o intercâmbio de in-

formações acadêmicas. Desde 1990 a Escola do Futuro coordena essas atividades em 22 escolas públicas e privadas, em disciplinas como biologia, estudos sociais, arte e ecologia. "Estamos tentando fazer um ensino mais dinâmico", resume Litto.

Ele lembra que a sociedade atual não se baseia mais em trabalhos repetitivos porque os computadores fazem isso.

LABORATÓRIO
JÁ PRODUZIU 3
VIDEODISCOS
INTERATIVOS

Luiz Prado/AE



Alunos do Bandeirantes: troca de informações via computador